

A VISÃO HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICA DA MEDICINA DE GEORGE GANGUILHEM

Jarbas de Mesquita Neto
Doutorando HCTE/UFRJ
epistemecognitio@gmail.com

INTRODUÇÃO

George Canguilhem re-fundou na França a história e a filosofia das ciências da vida de uma maneira profundamente original, marcada pela exigência do rigor conceitual, através da ligação repensada entre filosofia e história das ciências e por uma reflexão filosófica sobre a medicina com uma acuidade sem paralelo no Séc. 20. Nunca é demais justificar a escolha deste último tema como aquele sobre o qual jovens espíritos, como Canguilhem os considerava, podiam se encontrar. Filosofia e Medicina, dois exercícios de natureza bem diferente e situados em locais institucionais bem diferentes, no entanto exercícios ligados desde a antiguidade por uma relação complexa e recíproca, se impuseram como os termos entre os quais um pensamento criativo, não convencional, até mesmo virulento na sua força crítica, poderia se inventar. Fez-se necessário repensar estes termos (FAGOT-LARGEAULT, DEBRU, MORANGE & HEE-JIN, 2008).

DESENVOLVIMENTO

A filosofia em pouco tempo foi atraída para a Medicina em uma época – a do fim dos anos 20 e 30 – em que a Medicina na França era essencialmente clínica, onde uma reflexão filosófica não acompanhava quase nunca esta abordagem, onde as pesquisas de fisiopatologia e as tentativas de filosofia médica se desenvolviam muito mais que o contexto alemão, em uma época igualmente onde a “filosofia biológica” era fortemente dominada na França pelo bergsonismo, e onde a própria biologia francesa permanecia fortemente influenciada pelo pensamento de Lamarck, Canguilhem decidiu estudar medicina, e o fez na Faculdade de Toulouse, onde recebeu, entre outros, os ensinamentos do fisiologista Camille Soula, introdutor da fisiologia britânica (Henry Dale, Charles Sherrington) e americana (Walter Cannon) na França. Canguilhem conseqüentemente foi exposto a um pensamento fisiológico que ao mesmo tempo se nutria da experiência cotidiana de laboratório e portador de concepções teóricas às vezes bem semelhantes àquelas de Claude Bernard. Prosseguindo seus

estudos na Faculdade de Strasbourg que se relacionava à de Clermont-Ferrand, Canguilhem confrontou-se com um mundo diferente, que encontrava as suas raízes na “*Naturphilosophie*” alemã, cuja especulação teórica não era considerada como inimiga da medicina, cuja patologia (celular, desde Virchow) apoiava-se sobre idéias de mecanismos fisiopatológicos – um tema de predileção entre os médicos alemães no final do Séc. 19 e no início do Séc. 20 – e cuja história, esta imediata e vivida dramaticamente, assim como aquela de longa duração, se construía ao ritmo das conquistas e das derrotas sucessivas assim como as suas relações recíprocas. A situação particular da Faculdade de Strasbourg, espelho de duas culturas, representou um papel inegável na concretização do pensamento de Georges Canguilhem. A tradição francesa (Auguste Comte, Claude Bernard), a abertura anglo-saxônica, a forte individuação do pensamento alemão foram, pelas mãos de George Canguilhem, os ingredientes de uma criação filosófica sem precedente pelo seu poder de formulação, sua análise profunda, sua capacidade de provocar a convicções exageradas (FAGOT-LARGEAULT, DEBRU, MORANGE & HEE-JIN, 2008).

Mais de 60 anos se passaram desde a publicação de **Essai sur quelques problèmes concernant le normal et le pathologique** e, no entanto, esta obra conserva toda a atração de sua singularidade. Ela, por vezes, fica reduzida a um esquema de pensamento holístico. A obra é mais incômoda e original do que isto. Também se deve reconhecer-lhe o uso do conceito de normatividade, sob a sua versão de filosofia médica, com a plenitude de suas múltiplas consequências – científicas, técnicas, éticas, sociais e individuais. Canguilhem se fez apóstolo de uma reforma no ensino médico tendendo a incluir as ciências humanas, a filosofia e a história da medicina. Alguns anos depois esta reforma se impôs (FAGOT-LARGEAULT, DEBRU, MORANGE & HEE-JIN, 2008).

No decurso dos últimos 50 anos a genética, a biologia celular e molecular e o conjunto de disciplinas médicas criaram um mundo de representações e de práticas que rigorosamente não tem nada a ver com o mundo no fim dos anos 30 e nos anos de 40 e 50 [quando] Canguilhem vivia e formulava os seus temas principais de reflexão e agia. Estas disciplinas, particularmente ativas nos anos 50 e 60, deixaram para trás os modelos qualitativos da fisiopatologia e empolgaram o descrédito das especulações vitalistas. Canguilhem não ignorava estas disciplinas. Mas o seu pensamento estava principalmente alhures. Desenvolver e ilustrar a história e a filosofia das ciências era uma prioridade na fé intelectual e institucional. Pensar a medicina, a saúde e a doença tornavam-se uma preocupação fundamental, dando lugar às reflexões que não cediam absolutamente em força e pertinência às teses ilustres sobre o normal e o patológico. Hoje em dia, **Le normal et le pathologique**

continua a suscitar por sua estranheza, uma atração tanto enigmática quanto irresistível. Além do mais a complexidade de sua construção, sua aparência paradoxal, a dificuldade real de sua argumentação torna pouco acessível e compreensível somente ao preço de uma longa familiaridade, ela nos fala também de outra coisa além de seus temas afixados; fisiologia e patologia, ciência e técnica, norma e valor, ou sobre diabetes, eletro-choque, doença do neuroglioma, ou células doentes. Ela nos fala daquilo em nós que é vivo. Ela se apóia nisto para nos dar uma lição magistral de vida e dá conta, de certa maneira, do objetivo mais elevado do pensamento filosófico. A presença de Canguilhem é deste tipo. Eu posso testemunhar que esta obra possuía uma qualidade única, a de poder cada ser humano a encontrar nele, nas situações vitais mais difíceis, a força oculta da vida (FAGOT-LARGEAULT, DEBRU, MORANGE & HEE-JIN, 2008). Canguilhem estava a par de diversas pesquisas e pontos de vista em biologia experimental aplicada à área médica. Quando editou, e posteriormente reeditou, a sua tese em livro (CANGUILHEM, 2010).

Georges Canguilhem é um dos raros filósofos e historiadores da ciência a terem reconhecido a importância e o alcance do vitalismo na história das ciências biomédicas. Como prova, fazer uma conferência intitulada “Aspectos do Vitalismo” entre 1946 e 1947 era, asseguradamente, uma aposta arriscada: naquela época, o próprio termo “vitalismo” era ignorado ou mal-visto pela comunidade dos filósofos e historiadores da ciência. Este termo leva sempre com ele um valor pejorativo, pois ele representa uma atitude de resistência face “à invasão” das ciências físicas e químicas nas ciências biológicas e médicas. Canguilhem assinala a este respeito como uma biologia autônoma quanto ao seu tema e à sua maneira de alcançá-lo – o que não quer dizer que uma biologia ignore ou despreze as ciências da matéria – o que arrisca tudo a qualquer grau de qualificação, inclusive à acusação de vitalismo (FAGOT-LARGEAULT, DEBRU, MORANGE & HEE-JIN, 2008).

CONCLUSÕES

Em tal contexto histórico e teórico, por que Canguilhem acabou seguindo este antiquado conceito de vitalismo? É muito mais do que “retornar às fontes do amor do envelhecimento” (CANGUILHEM, 1998). O vitalismo representa para Canguilhem o centro do conceito de vida, o qual está no coração de seu pensamento. A filosofia biomédica de Canguilhem tanto é caracterizada pela perspectiva vitalista sobre a vida quanto por sua concepção técnica de (ser) vivente ou para o seu posicionamento específico entre estas duas linhas de pensamento. Ora, à medida que Canguilhem tendia a definir o vitalismo a partir de

imagens preconcebidas, seus estudos historiográficos sobre este assunto mantinham estes aspectos insatisfatórios. Reexaminando-se os três aspectos do vitalismo, a sua vitalidade, a sua fecundidade e a sua relação com o animismo, aparentemente Canguilhem os havia definido por si mesmos. O objetivo é o de repor a vida – o conceito-chave da filosofia canguilhemiana – na tradição do vitalismo francês e do restabelecimento da perspectiva, principalmente em relação às idéias de Paul Joseph Barthez, médico vitalista de Montpellier, e à sua fonte teórica no animismo de George-Ernst Stahl. Pode-se fazer assim uma imagem mais justa e mais equilibrada do vitalismo, comportando não apenas uma heurística negativa, mas também uma heurística positiva, a qual Canguilhem não fez mais do que levá-la a seu termo (FAGOT-LARGEAULT, DEBRU, MORANGE & HEE-JIN, 2008).

No artigo intitulado “Aspectos do Vitalismo”, reeditado em 1952 na coletânea **La Connaissance de La Vie (Sobre o conhecimento da vida)**, Canguilhem distingue três aspectos teóricos que permitiram a defesa do vitalismo contra as críticas infundadas. O primeiro destes aspectos é a vitalidade do vitalismo. Segundo Canguilhem, a teoria biológica “se revela através de sua história como um pensamento dividido e oscilante” (CANGUILHEM, 2009). Por exemplo, enquanto a fisiologia estava à procura de um método e de uma terminologia própria, esforçando-se para se constituir como disciplina científica ao mesmo tempo independente e autônoma, haviam cada vez mais e mais doutrinas concorrendo (a tal). No final do Séc. 16, van Helmont sucedeu a Paracelso em estabelecer a iatroquímica enquanto que a mecânica cartesiana, denominada de iatro-mecanismo, ou iatromecânica, ainda apoiada e sustentada por Borelli e Boerhaave. No seio da Escola de Montpellier, Sauvage pretendia suceder Stahl e defendia vigorosamente o animismo. Quanto ao materialismo, ele está sempre influenciando a solidez dos Sécs. 17 e 18. Bordeau, quando reconsiderando a relação entre o todo e as partes sobre as funções fisiológicas, propôs um organicismo científico rigoroso que, de fato, estabelece a fundamentação do vitalismo montpellerirano. Paralelamente, a primeira versão de uma psicologia científica começa a se libertar do espiritualismo filosófico do Séc. 18 (FAGOT-LARGEAULT, DEBRU, MORANGE & HEE-JIN, 2008).

Todas estas doutrinas constituíam as correntes principais nas pesquisas biológicas e médicas no Séc. 18, durante o qual se desenvolveram as teorias fundamentais do vitalismo francês. Os principais representantes do vitalismo francês, quando da formação de um tipo de contracorrente, trocavam as suas idéias muito ativamente com seus opositores e amiúde eles conservaram o resultado destas interações nestas suas teorias. Este é o caso de Paul Joseph Barthes, um grande nome – entre outros – do vitalismo francês. Quando ele começou o seu

ensino em Montpellier ainda mais sistemas biomédicos coexistiam lá. Fizes representa o iatromecanicismo de inspiração boerhaaviana; Sauvage está na linha do animismo stahliano; Haller tinha alguns discípulos, por exemplo, Lamure e Tandon; já Venel difunde as doutrinas de Lacaze e de Bordeu. O vitalismo de Barthez é, por isso, muito heterogêneo e incompleto. Ele é, sobretudo, “metateórico”; bastante o suficiente para propor a sua própria solução para um problema; ele prefere estabelecer um ponto de vista a partir do qual seria capaz de sintetizar as diferentes soluções propostas pelos demais. Esta visão não exclui certas soluções audaciosas e pouco leva, por exemplo, a propor um conceito aparentemente oculto como princípio vital (FAGOT-LARGEAULT, DEBRU, MORANGE & HEE-JIN, 2008).

Ernst Mayr, outro exemplo raro de evolucionista contemporâneo que se interessa pelo vitalismo, levanta um aspecto importante do vitalismo: “O vitalismo, depois de sua aparição no Séc. 17, constituiu-se claramente em um movimento de oposição, caracterizada pela rebelião contra a filosofia mecanicista da revolução científica e contra o fisicalismo de Galileu a Newton” (MAYR, 2008). Para Mayr, a característica mais importante do vitalismo – este seu aspecto não conformista – é a sua recusa ao reducionismo abusivo ou simplificador, uma atitude crítica e ao mesmo tempo extremamente aberta ao que se define como a tolerância com respeito à descontinuidade da natureza. Desta forma, o vitalismo reconhece um tipo de ontologia tripartida entre a matéria, a vida e a alma. Isto feito, os vitalistas são mais sensíveis à multiplicidade das ciências que à sua unidade. O vitalismo se caracteriza igualmente por sua tendência à procura de explicações novas e, se o for, a novas terapias. Mesmo sem uma explicação coerente e convincente, além dos paradigmas em vigor e dos protocolos autorizados. Falando de outro modo, ele não hesita em criar alguns novos conceitos, em fazer hipóteses de identidade, ou de novos princípios. Mayr reconhecia assim entre os vitalistas alguns críticos do paradigma mecanicista; ele nota, porém, a heterogeneidade problemática das teorias vitalistas que surgiram como proposição alternativa coerente. A criação desta imagem negativa do vitalismo pode ser explicada pela maneira que alguns dos concorrentes pela elaboração da fisiologia moderna representam a outra (FAGOT-LARGEAULT, DEBRU, MORANGE & HEE-JIN, 2008).

Para Canguilhem, as reações normais, as que são biologicamente favoráveis, até podem prejudicar o organismo. Por exemplo, a tensão desordenada; todo o comportamento de alarme e o estresse provocam a reação normal, da supra-renal, devido à ação do corticosterona no organismo no caso de repetições anormais (estatisticamente infrequentes) leva ao desgaste do organismo. Ele procura conciliar visões fisiológicas diferentes, as quais ele considera não como divergentes, mas como complementares. Este ponto de vista reflete a sua visão vitalista

e a vitalidade das suas teorias. O seu vitalismo pode ser considerado como algo metamecânico; ele não exclui totalmente o mecanicismo, pois o considera como algo apenas como uma mera ocorrência. Mas há algo além deste mecanismo, algo emergente.

Referências Bibliográficas

CANGUILHEM, GEORGES. **O Normal e o Patológico** 6ª. Edição., 3ª reimpressão. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2010.

CANGUILHEM, GEORGES. **Etudes d'histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie**. Paris. Librairie Philosophique J. Vrin. 2002.

CANGUILHEM, GEORGES. **La connaissance de la vie**. Paris. Librairie Philosophique J. Vrin. 2009.

FAGOT-LARGEAULT, ANNE; DEBRU, CLAUDE, MORANGE, MICHEL & HEE-JIN HAN. **Philosophie et Médecine em Hommage à Georges Canguilhem**. Paris. Librairie Philosophique J. Vrin. 2008.

LECOURT, DOMINIQUE. **Georges Canguilhem**. Paris. Presses Universitaires de France. 2008.

MAYR , ERNST. **Isto é Biologia**. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.

APRESENTAÇÃO EM PÔSTER DIALOGADO.